

A POLÍTICA DO PSICANALISTA: O SABER DA PSICANÁLISE ENTRE CIÊNCIA E

RELIGIÃO

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada II do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Presidente da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa, Pesquisadora-bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C, Editora de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora

Resumo

Partindo do laço entre o advento da ciência, a modernidade e o nascimento da psicanálise foi preciso encontrar ferramentas conceituais para pensar também, psicanaliticamente, o contemporâneo. O corte entre o moderno e o contemporâneo é, freqüentemente, reduzido ao mero tempo presente, à alta modernidade, ou à hipermodernidade. A unificação das ciências reduz todos os saberes a um mercado único, produzindo um novo mal-estar na civilização: a homogeneização dos saberes. Não existe um saber que sirva de medida comum pois o saber não é um bem intercambiável. Nem todos, portanto, terão acesso ao mais de gozar que ele engendra. O sintoma é essa maneira como cada um sofre em sua relação ao mais de gozar. Eis aí uma nova forma de impostura que me parece sob medida para circunscrever o conceito de contemporaneidade.

Palavras chave: modernidade, contemporaneidade, saber, verdade

Abstract:

Starting from the bond between the advent of science, modern times and the birth of psychoanalysis it was necessary to find conceptual tools to think the contemporary psychoanalytically as well. The gap between modern and contemporary is often reduced merely to the present time, to high modernity or to hiper-modernity. The unification of the Sciences reduces all knowledge to a single market thus bringing a new discomfort to civilization: the homogenizing of knowledge. There is not a knowledge which serves as common measure since knowledge is not an interchangeable asset. However not everyone will enjoy the profit that it engenders. The symptom is this manner in which each one suffers in their relation with joy as a profit. There lies a new form of fraud that seems just perfect to circumscribe the concept of contemporaneousness.

Key Words: modernity, contemporaneousness, knowledge, truth

NOSSA PERSPECTIVA

A psicanálise, segundo Freud¹, não deve ensejar uma *Weltanschauung*² própria. Ela faria parte, da grande *Weltanschauung* da ciência. Jacques Lacan, em seu retorno aos fundamentos da doutrina psicanalítica, revelou que é a concepção estruturalista aquilo que permite incluí-la no campo da ciência. Mais além de sua dependência da ciência, a psicanálise é uma prática que se difunde na cultura, e tem incidências inegáveis sobre a subjetividade do século XX. O laço analítico desponta como uma alternativa a outros laços sociais mais antigos e consolidados, com o médico ou com o padre.

A vizinhança do laço analítico com a ciência e com a fé, entre a medicina e o confessionário, é suficiente para por em dúvida sua dependência da *Weltanschauung* da ciência? Desde cedo, sob a influência da genealogia do poder de Michel Foucault, minha abordagem epistemológica foi marcada pela inquietação política. Seria a psicanálise um dispositivo de poder à serviço do progresso da *scientia sexualis*?³ Deve ser incluída entre as práticas religiosas de confissão que visam colocar o sexo em discurso? Ou seria preciso buscar a arqueologia da psicanálise nas práticas, eminentemente éticas, que desde a Grécia antiga preocupam-se com o cuidado consigo próprio e o uso dos prazeres?⁴

¹ Freud, S. (1933 [1932] 1972) Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung* da psicanálise, Vol XXII pag. 194

² De acordo com Freud trata-se de “ uma construção intelectual que nossa existência, uniformemente, com base numa hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual (pag. 193) Equivale aos termos visão de mundo ou ideologia, conforme o uso que nos habituamos a fazer dele, pesquisadores-doutores em teoria psicanalítica, em língua portuguesa.

³ Foucault, M. 1977 e 1984.

⁴ Foucault, M. 1985.

DE FREUD À LACAN: O MODERNO E O CONTEMPORÂNEO

O retorno de Lacan à Freud permitiu superar muitas dessas questões. Passo a destacar as principais teses lacanianas que justificam meu ponto de vista. O sujeito da psicanálise depende do campo da fala e da linguagem para constituir-se como tal⁵. Não é, portanto, um indivíduo em sua imediaticidade, um dado da natureza. A psicanálise tão pouco existe desde sempre. Sua emergência depende do advento da ciência. Somente na medida em que a ciência opera reduzindo os dados da experiência sensível a objetos formais, sem qualidade, é que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera constitui-se enquanto tal⁶. Lacan esclarece que o dispositivo analítico é um discurso que depende do advento do discurso da ciência. Mais precisamente, o discurso analítico insere-se entre o discurso do mestre (religião/direito) e o discurso da histórica (ciência).⁷

Em meu percurso de pesquisa, pensar o laço entre o advento da ciência, a modernidade e o nascimento da psicanálise não foi o trabalho mais difícil. Meu desafio maior foi, e ainda tem sido, o de encontrar ferramentas conceituais para pensar psicanaliticamente o contemporâneo. Muitos pesquisadores não reconhecem o corte entre o moderno e o contemporâneo. Frequentemente, o reduzem ao mero tempo presente, à alta modernidade, ou à hipermodernidade. É o caso de alguns conhecidos sociólogos: Anthony Giddens, Richard Sennet e Zigmunt Bauman entre outros. Diferentemente, o eixo proposto por Lyotard (1989) para pensar a condição pós-moderna, inscreve-se a partir dos efeitos de maio de 1968. O elenco de fenômenos

⁵ Lacan, J. (1953/ 1966), p. 237-322.

⁶ Lacan, J. (1965-66/ 1966), p. 855-878.

⁷ O Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo surgiu como um desdobramento dessas questões, graças ao financiamento do CNPq. Em 1994, quando Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica criou o primeiro doutorado nessa

área, Luiz Alfredo Garcia Roza, Joel Birman, Anna

subjetivos e sócio-culturais, que descreveriam essa nova condição é muito amplo. A ideologia freudo-marxista, os movimentos sociais pela liberação da sexualidade, o feminismo, o declínio das grandes narrativas, o relativismo moral, a cultura do narcisismo, a absolutização do direito ao gozo seriam alguns dos seus efeitos. Uma nova orientação da ideologia individualista impele à reivindicação generalizada do direito de ser tratado como uma exceção⁸, ao consumismo, às compulsividades, ao império dos semblantes e à sujeição à chuva de objetos.

Em meu curso deste ano sobre Psicanálise e Lógica - dediquei-me a comentar o Seminário XVI “De Outroum ao(1968outro”-69/2006)—recém estabelecido por Jacques Alain Miller. Foi com satisfação que encontrei nele a seguinte definição lacaniana da contemporaneidade: a entrada do saber no mercado.

É, originalmente, por meio da renúncia ao gozo, que começamos a saber um pouquinho, sem que seja preciso trabalhar para isso. Não é porque o trabalho exige a renúncia ao gozo, que toda renúncia ao gozo se faça por meio do trabalho. (...) O saber não tem nada a ver com o trabalho. Mas, para esclarecer um pouco esse negócio, é preciso que exista um mercado, um mercado de saber. Ora, eis aí o que se precipita, e não tínhamos a menor idéia. Deveríamos ter tido ao menos uma pequena intuição, considerando a forma que as coisas vem tomando, e o ar de que isso toma há algum tempo na Universidade (Lacan, 2006, p.39).

Durante esse seminário, o ensino de Lacan foi evacuado da École Normale Supérieure, onde Althusser o acolhera alguns anos antes. Esse fato se dá em meio aos movimentos estudantis de maio de 1968, quando cresce a ambição política de reduzir todo saber a um saber sem mestria: ao novo império do diploma universitário. Lacan (2006) observa, igualmente, que o saber é apenas o preço que se paga pela renúncia ao

Carolina Lo Bianco, Teresa Pinheiro e eu, recebemos nossas bolsas de produtividade científica pela primeira vez. Meus agradecimentos ao CNPq que ainda financia toda essa pesquisa..

⁸ Coelho dos Santos et al, 2005, p. 77-96.

gozo. A unificação das ciências reduz todos os saberes a um mercado único. Essa homogeneização dos saberes no mercado produz um mal-estar na civilização muito preciso: o mais de gozar obtido por meio da renúncia ao gozo, leva em conta o princípio do valor do saber. Ora, o saber não é um bem intercambiável. Nem todos, portanto, terão acesso ao mais de gozar que ele engendra. O sintoma é essa maneira como cada um sofre em sua relação ao mais de gozar⁹. Não existe verdade social média, abstrata, nem um saber que sirva de medida comum para todo mundo. Eis aí uma nova forma de impostura que me parece sob medida para circunscrever o conceito de contemporaneidade.

Lacan antecipa que graças à impostura da homogeneização do saber, vai se dar uma proliferação acelerada na cultura do saber acéfalo, desvencilhado da castração, do peso da transmissão pelo mestre. O saber devém equivalente à pulsão. Surpreendentemente, sua resposta a essa conjuntura política nefasta foi uma aposta renovadora nos poderes da lógica. É um elogio da ciência contra o gosto pelo historicismo. Sua pesquisa consistirá em reduzir o mais essencial da teoria psicanalítica a um discurso sem palavras. Toda a teoria psicanalítica poderia ser traduzida nos três termos: o saber, o gozo e o *objeto a*. Hiperformalização, portanto, do Nome do Pai (S1), do desejo da mãe (S2) e da criança (a).

PSICANÁLISE E CIÊNCIA

Após o Seminário XVI (de um Outro a um outro) no seminário que se avesso da psicanálise”- 70/ 1991),(1969essas letras se arranjam segundo uma ordem fixa, cuja permutação de lugares é pré-definida, como um discurso sem palavras. O que garante a ordem própria aos discursos é sua gênese, a dependência lógica de um ponto

⁹ O conceito de mais de gozar tem relação com a mais valia. Diz respeito, mais

precisamente ao que se lucra graças ao sintoma. Diferentemente da mais valia marxista o ganho sintomático pode se dar sob a

onde é impossível decidir se é falso ou verdadeiro. O que é um indecidível? Para compreender melhor esse ponto lanço mão de um exemplo divertido que encontrei num

artigo recente¹⁰. Observem a sentença que se segue:

Dado que só há três erros, a afirmação é incorreta. Mas se a afirmação é incorreta, então, há quatro erros. O quarto seria um erro de conteúdo. É nesse ponto que começa a ficar divertido pois, se a frase contém quatro erros, logo, ela é correta. Se ela é correta, então, o erro de conteúdo não existe. Mas se o erro de conteúdo não existe, não há quatro erros e portanto a frase está incorreta! Enfim, não há solução!

Dessa âncora da lógica num ponto indecidível, decorre a seguinte formalização: existe uma equivalência estrita entre discurso, sintoma e laço social. Todo discurso é um sintoma, uma defesa contra o real como impossível. Cada discurso organiza uma modalidade de laço social. São quatro os discursos, segundo a ordem de aparecimento na história: o do mestre, o da histérica, o da universidade e o do analista. Para compreendê-los, podemos estabelecer uma equivalência com a ordem de aparecimento dos saberes. Primeiro surgiu o saber fundado na autoridade da religião (primeira forma do direito). Depois, o saber autoral do cientista que é diferente do saber anônimo dos universitários que o sucede. Finalmente, surge um saber que não se para do gozo: o saber do analista. Acontece que, o discurso do capitalista rompe com a regra que os constitui enquanto tal - anunciando que tudo é possível –e desarranjando a ordem de permutação das letras. Essa é chave para abordar os efeitos subjetivos, na contemporaneidade, do poder acéfalo do saber homogeneizado: o desarranjo da ordem de permutação das letras.

O discurso do capitalista provoca uma ruptura nas relações entre o saber, o gozo e o *objeto a*. O sentido do sintoma foi progressivamente desvinculado do real. O que os mantinha unidos era o fato de que ele dizia algo para alguém, aquele que se

oferecia para

forma de mal-estar na
civilização.¹⁰ Abelhauser, A.
2006, p. 189-198.

escutá-lo, para interpretá-lo. Os sintomas vem sendo reduzidos ao silêncio, são pulverizados, destituídos de sua lógica e estrutura, enumerados num catálogo - o DSM IV - de distúrbios.¹¹

PORQUÊ UM DISCURSO SEM PALAVRAS?

Volto ao meu ponto de partida. Que efeitos a difusão da psicanálise opera na subjetividade e na cultura? A difusão da psicanálise, na medida em que alimenta a ideologia individualista¹², contribui para dissolver os laços sociais e acentua a proliferação desordenada do saber acéfalo. A posição do analista, que consiste em operar com o *objeto a* em posição de agente, concorreu em nossa história recente, para elevar o *objeto a* ao zênite da civilização¹³. Podemos extrair a seguinte questão: o sujeito contemporâneo deve ser definido ainda como barrado em seu gozo pulsional, pelo significante do Nome do Pai? Afinal, vemos crescer, contemporaneamente, a dependência dos indivíduos do objeto para efetuar uma localização do excesso pulsional, em detrimento da relação aos ideais. Isso prova o fracasso da metáfora paterna? Seria necessário até, talvez, inverter o raciocínio habitual. Não é verdade que sejamos consumistas porque deixamos de ser orientados pela função do ideal. Ao contrário, o objeto de consumo, e não o significante do Nome do Pai, é o que nos permite hoje circunscrever o gozo e limitá-lo, reduzi-lo, localizá-lo. Fazer do vício virtude, é a verdadeira sabedoria do homem contemporâneo?

A absolutização da lei do mercado promete que tudo pode ser comprado ou vendido. Não haverá, num futuro próximo, nenhum objeto irreduzível a lei da troca? Nem mesmo o corpo, seus órgãos, suas células, óvulos, espermatozóides e embriões são

¹¹ Miller, J.A. 2005, p. 15.

¹² Coelho dos Santos, T. 2001, p. 115-181.

inegociáveis. Isso é inquietante! Onde poderá refugiar-se o objeto do gozo fantasmático? Os sintomas serão cada vez mais descartáveis, ready made, prêt-à-porter e dispensarão a complicada engenharia libidinal do inconsciente? As realidades psíquicas encontrarão a sua mais completa tradução na nova geração de medicamentos? O campo da fala e da linguagem ainda vai render-se à sabedoria pavloviana das terapias cognitivo-comportamentais? Psicanalistas! É preciso refazer nossa aliança com a ciência, Um oceano de falsa ciência ameaça nos afogar numa imensa onda de protocolos pseudo-científicos!

Nós sabemos que o sentido do sintoma não é objetivável, que há um intervalo entre a causa, o traumatismo, e a estrutura do sintoma. O gozo com o sintoma, por sua vez, é um benefício que não se dissolve, se redistribui ou se redireciona de acordo com procedimentos protocoláveis. Essa é apenas mais uma, entre outras conseqüências nefastas, da aliança entre o discurso do mestre (S1-² S2) e o saber (S2 -² a), que resultaram em deformações bastantes sensíveis na dimensão assimétrica de alguns laços sociais depois de maio de 1968. Quais são elas? O esvaziamento da potência oracular do

significante mestre, que como Jacques Lacan já antecipava em “Les complexe familiaux dans La formation(1938/2001),nosconduziria de à l’individugrande

neurose caracterial contemporânea. A oposição, banalizada na cultura atual, à autoridade infundada do significante mestre, rejeita a verdade enigmática do inconsciente, preferindo a transparência dos acordos iigualitários. A maciça rejeição à feminilidade na política, celebrada na máxima: *nada é de graça*,¹⁴ recusa-se a distinguir os deveres régios do Estado das obrigações contratuais entre indivíduos em posições equivalentes. Nem a diferença geracional, nem a diferença sexual resistem a essa máquina discursiva homogeneizante. O que foi feito da imoralidade do significante mestre?

¹³ Miller, J. A. 2005, p. 13.

Em 1968 (no Seminário XVI De um Outro ao outro) e como uma reação antecipada à futura redução da psicanálise a um saber entre outros, Lacan apresenta sua versão ultra-reduzida da psicanálise como um discurso sem palavras.

DE UMA DISCUTÍVEL NOVA MORALIDADE ...

O declínio da pesada moral civilizada repressiva, causa das doenças nervosas modernas, vem cedendo seu lugar à nova moralidade light, anti-repressiva, contratual, persuasiva, que não se orienta pelos ideais e sim pelo objeto de satisfação. A lei oracular e assimétrica do supereu que interdita o gozo, reduziu-se a busca da máxima proporção possível entre custo e benefício. O sonho de nossa época é contabilizar o gozo e maximizar sua utilidade. O esforço de medir, regulamentar, distribuir e homogeneizar o campo da satisfação visa garantir o prazer seguro e dissolver preventivamente todo mal-estar. Uma profunda inversão entre a oferta e a demanda está em curso. Para aproveitar sempre a melhor oferta é preciso adquirir quase tudo aquilo de que não precisamos. Acumular objetos para evitar a escassez, anular a falta, esmagar a demanda e obturar a causa do desejo.

O declínio da moral sexual civilizada não nos deixou inteiramente naufragos, à deriva, ou desbussolados. A civilização contemporânea se orienta pelo *objeto a* (a-² \$) na sua dimensão de mais de gozar, de lucro, de mais valia. A difusão da psicanálise contribuiu muito para o emagrecimento da mestria¹⁵ e, nos impõe um esforço a mais para refazer, com urgência, uma nova aliança com os métodos da ciência. Isso é mais do que necessário se não quisermos mergulhar nos fundamentalismos nostálgicos do passado ou submergir às avaliações positivistas.

¹⁴ Tomei uma certa liberdade de verter o conhecido ditado, *There's no, de acordofree* com o *lunchuso* da língua portuguesa

A prática lacaniana é sem protocolos, mas não é de modo algum sem princípios. Ela é passível de ser avaliada cientificamente, pela fidelidade aos princípios do discurso da psicanálise e não pela observância de quaisquer protocolos pseudo-científicos. É pela

fidelidade ao “espírito da pesquisa freud aliança com a ciência. Essa orientação prevaleceu no ensino e na prática de Jacques

Lacan desde a inovação do tempo das sessões. Ela prevalece também nos diferentes dispositivos investigativos e clínicos, que inventamos para renovar os poderes da palavra e da interpretação em tratar o inconsciente e o gozo.

Coerentemente com essa orientação, o psicanalista não recua diante dos novos sintomas e das formas inéditas do mal-estar contemporâneo. Sabemos que ao lado dos sintomas clássicos, multiplicam-se, nos dias de hoje, as patologias do excesso, típicas da grande neurose caracterial contemporânea. São as novas identidades ou novos nomes do pai tribalistas: drogadictos, trabalhadores compulsivos, deprimidos, angustiados, compulsivos sexuais, bulímicos, anoréticos e muitos outros. Essas são algumas das modalidades de precariedade simbólica dos traus do *objeto a* em posição de agente. São demandas que desnudam a face mais perversa do

Outro contemporâneo. Suas queixas derivam de uma outra face da precariedade simbólica, aquela que confina com o desamparo material e que resulta da profunda desigualdade política, da segregação cultural e social e da exclusão do acesso aos meios de gozo. Somos confrontados, quando acolhemos em análise esses novos sintomas, aos efeitos da ruptura do contrato de direitos e deveres assimétricos entre os cidadãos e o Estado que outrora alicerçava a ficção do Estado moderno. A mundialização do capitalismo, a lógica tirânica da relação custo/benefício nos legou um Estado enfraquecido, manco, endividado, impotente e corrompido. O novo sintoma tem sempre

¹⁵ Miller, J. A. Pièces Détachées. 2006, p. 75-84.

a mesma forma: a da separação entre o sentido e o real. São a prova da inutilidade de endereçar um dizer a um Outro que não existe.

...À UMA NOVA ALIANÇA COM A CIÊNCIA

Em “A questão *Weltanschädeungen*”, uma Freud (1933{1032} 1972) delimita o aspecto mais essencial da inserção da psicanálise no campo da ciência. Não reivindica a identidade de método, nem a submissão às mesmas regras de construção do objeto, ou às mesmas exigências de verificação de suas hipóteses. A regra fundamental não é um protocolo! Inclusive porque todo analista sabe que convidar alguém a dizer tudo que lhe vem à cabeça é um mandamento impossível! Entre outras razões, porque não impede ninguém de mentir! Freud, argumenta que a cientificidade da psicanálise se resume à descoberta de que a realidade psíquica, a ilusão, o resíduo da fé em Deus pai, não pode ser eliminado pela razão. A fé em Deus não pode reduzir-se à convicção intelectual. Deus não é demonstrável! O ato de fé em Deus depende de um ponto lógico indecidível pela razão, uma aposta: Deus existe ou não?

A psicanálise surge nesse intervalo obscuro entre saber e fé. Expulsos do paraíso, padecemos do pecado original: a curiosidade sexual. Foi o desejo de saber que moveu Eva a oferecer à Adão, o fruto proibido da árvore da **ciência** do bem e do mal. Lacan

(1965/66), em *La science et la vérité*, retoma o desafio de definir psicanálise entre ciência e religião. Ele não define o psicanalista como um cientista entre

outros. Ele estabelece uma curiosa equivalência entre os sujeitos do inconsciente, e da ciência. O seguinte axioma formula rigoros

qual a psicanálise opera não (pag. 858) pode ser senão

A ciência moderna determina um modo de constituição do sujeito. Esse sujeito

se constitui da mesma maneira que os objetos matematizados da ciência: como um sujeito sem qualidades. Na obra de Lacan, o sujeito da ciência é tão somente uma dedução do pensamento. É uma consequência do discurso das coisas pelo seu nome, esta lógica matemática é essencial à existência de vocês, saibam vocês ou não” (2006, p. 35). O sujeito é a para outro significante. Essa estrutura é, portanto, o real. O que a motiva –sua causa - é

a convergência em direção a uma impossibilidade: não há um sentido último. O referente dessa estrutura, enquanto um campo da representação, é definitivamente perdido. O que especifica as relações entre saber e gozo, em jogo nessa articulação entre significantes, é que o saber não se sabe. O sujeito do significante não tem representação, ele é o representante da representação. Se o inconsciente é estruturado pela linguagem, o sujeito não está representado nessa estrutura senão como a causa.

Retomo, a segunda afirmação de Lacan “L’être et la vérité”: Lacan “A análise psicanalítica é essencialmente o que reintroduz a realidade psíquica, a fé em Deus Pai, é ineliminável pela razão. A tese freudiana ecoa, mais ainda, muito mais tarde, no Seminário inconsciente, Freud o sublinha, não se sustenta sem o Nome do Pai. Supor o Nome do Pai, por certo, é Deus. É nisto aí que a psicanálise, por triunfar, prova que do Nome do Pai, podemos prescindir com a-76/ condição 2005, p.136). de n

O advento da ciência moderna é correlativo do declínio do mestre antigo. Podemos apreender, especialmente da obra de Koyré, que corresponde à passagem do cosmo fechado ao universo infinito um esvaziamento dos sentidos consolidados pela tradição religiosa. Tudo que até então era tido como real se desmancha no ar. Inverte-se a economia de visibilidade do poder. Michel Foucault salientou que a ostentação

1
2

hipnótica do poder majestático dá lugar à vigilância panóptica de uma nova microfísica do poder. O poder disciplinar dispensa o uso da sugestão, não precisa do temor a Deus, porque penetra os corpos por meio de técnicas disciplinares, tornando-os dóceis e úteis. O corpo dedicado ao usufruto da vida devém o corpo domesticado à serviço do trabalho e da produção da mais-valia.

Louis Dumont (1983), antropólogo francês, privilegiou em sua leitura do nascimento da modernidade: a separação entre o Estado e a Igreja e a queda do dossel de símbolos sagrados que unificava os domínios econômico, social e político sob a hegemonia da religião. A fé em Deus deixa de ser imposta por seus representantes temporais e torna-se um risco, uma aposta do indivíduo. Nasce o individualismo como um novo princípio do funcionamento social. A experiência subjetiva de desbussolamento na modernidade, coordena-se à emergência da ideologia individualista. Enfatiza as conseqüências da fundação do Estado moderno laico, que se apóia na declaração de que todo homem nasce livre e igual, e reduz a fé religiosa a um mero assunto de consciência individual. Deus não se encarna mais, no mundo, em seus representantes temporais. Deus será colocado, desde então, fora do mundo.

Quais os efeitos subjetivos dessa exclusão de Deus do mundo? Deus tornou-se tão abstrato, desencarnado que podemos presumir que está morto? Se Deus está morto, então, tudo é permitido? Lacan (1969-70/ 1991), na contramão dessa pretensão,

argumenta: “Indiquei há tempos que diante está morto, então tudo é permitido,’ a co experiência é que Deus está morto tem como resposta nada

A psicanálise resgata o real, o ato de fé, pois a experiência permite verificar que “todo homem nascido de um pai, sobre o qual ele –o homem –não goza daquilo que Lacan:tem1969-70/para1991,. gozar”

143). O advento da ciência tem a conseqüência de suspender o determinismo da crença em Deus. A existência de Deus, desencarnado, fora do mundo, não é mais assegurada pela tradição. Cada um precisa recriá-lo com seu próprio custo. Por essa escolha - Deus existe ou não? –se paga um preço.

A invenção da psicanálise corresponde à reintrodução na consideração científica do Nome do Pai. Se o sujeito da ciência moderna nada quer saber do Nome-do-Pai é precisamente, porque a invenção da ciência tende a instalar-se como uma nova tradição, promovendo o esquecimento do arbitrário, do acaso, do começo, da novidade da origem. Lacan opõe a ciência no sentido forte, à tradição. A tradição é o esquecimento das origens.

A fundação de Escola de Lacan tem uma afinidade de estrutura como o gesto da ciência. Ela repete a origem, interroga o Nome-do-Pai, isto é o desejo do fundador da psicanálise, Freud. Ela questiona o escopo de sua principal articulação teórica: o Complexo de Édipo. Ela toma esse mito como um sonho freudiano, algo que tem relação com o desejo "não analisado" de Freud. Enquanto que a instituição fundada por Freud se propunha a perpetuar o Nome do seu fundador, transmitindo uma tradição, a transferência com Lacan, no ato de fundação da Escola pretende reviver o gesto inaugural de Freud. Enquanto que a identificação ao líder, ao Nome-do-Pai reduzido ao pai morto - guardião da origem e garantia do laço fraterno - são o eixo e a base de uma organização como a IPA, a Escola de Lacan estrutura-se em torno do ensino de Lacan que, nesta época, não é um ensino concluído mas prossegue¹⁶. Essa reinvenção permanente testemunha um laço vivo com a ciência.

PAI: VIVO OU MORTO?

Acho que o mais essencial, fazendo uma revisão do tema do Nome do Pai em Lacan é isso: pai vivo ou pai morto? Ao longo do seu ensino, o Nome do Pai formaliza o Complexo de Édipo freudiano em três tempos. O NP intervém no imaginário, na relação da mãe com a criança, introduzindo a significação sexual. No primeiro tempo funda o pai como mediador de algo que está além da lei do seu capricho e que é pura e simplesmente a lei como tal, o pai, portanto o Nome do pai como significante de sua falta, de do seu desejo. “É como signifi capaz de dar um sentido ao desejo da mãe que, à justo título, eu poderia situar o Nome do Pai.” No terceiro tempo, o pai transmite da criança que encontrará na imagem de um outro, onipotente, interditor, aquele que faz a lei do desejo da mãe. É surpreendente que em seu último ensino, Lacan acentue o papel ativo do desejo do homem por uma mulher que lhe dê filhos. Observem a seguinte fórmula: “um pai não tem amor, direitos de amor, o dito respeito, não for, você não vão crer nas suas orelhas, père-(pai)versamente orientado, quer dizer feito de uma mulher, *objeto a*, que casa seu desejo (... O pai n’homeia, isto oferece peso, sexual humaniza as palavras. o desejo,

O complexo edípico não deve ser encarado como apelo conservador à tradição mas, como o resíduo vivo de um desejo que não seja anônimo, no seio da sociedade liberal, democrática, homogeneizante que sobreviveu à revolução francesa. Por essa razão, “o inconsciente é, acima (Lacan:1970/de2003,tudo, a p. 422). . O grande R do real lacaniano é também o grande R da revolução francesa. “Que somente a estrutura se jardo qual propiciasse possase à e promover uma nova revolução, seja atestado pela Revolução, qualquer que tenha sido o R maiúsculo de que Lacan:1970/francesa2003,p.422). a proveu” (Jacques Alain Miller (2003), em que

“Oa sobr

¹⁶ Miller, J-A. 1997/98, p. 50.

modernidade conspira contra a poesia, contra a personalidade excepcional do escritor, contra a imoralidade do significante e o infundado do seu poder oracular. A modernidade trabalha para alcançar o equilíbrio, apaga as diferenças, promove a democracia, o nivelamento das desigualdades, a equivalência entre os problemas e sua solução. É uma

17

“era de homens , avaliadossem permanentementequalidades”por meio de critérios quantitativos, de produtividade. É a lei da segurança contra a aventura. Contra essa mentalidade, o autor nos recorda que os psicanalistas lacanianos apostam nos efeitos criadores da repetição. A psicanálise estabeleceu-se sob o fundamento de uma enunciação carismática, a de Freud. Ela resulta de uma conspiração. O que se cristaliza em torno dela é uma barreira ao funcionamento soc psicanálise que é um sintoma,-76/2005,p.135). Acrescentaé o quepsicanal

18

“uma mulher é uma ajuda. contra o homem”

O psicanalista é uma ajuda sobre a qual podemos dizer que se trata de uma reversão dos termos do Gênesis, pois o Outro do Outro é o que eu acabo de definir, agora mesmo, como esse pequeno buraco aí. Que esse pequeno buraco, sozinho, possa fornecer uma ajuda, é nisso que a hipótese do inconsciente pode dar seu suporte”- 76/2005,.136)(1975.

A psicanálise começou com a histeria e Freud a abordou com o recursos da ciência da natureza, perguntado-se sobre a causa, a etiologia da psicose: descortinando a sexualidade como causa. O advento da neurose, forma moderna do mal-estar na civilização, é relativo à exclusão de Deus do mundo e seus efeitos de declínio da função paterna. O pai na modernidade não é pai investido dos poderes de

um representante temporal de Deus. Se a histórica se exaure em salvar o pai é porque sabe

¹⁷ Miller, J. A era do homem sem qualidades. *aSEPHallus: Revista do Nucleo Sephora de Pesquisa*. Disponível em : www.nucleosephora.com/asephallus

¹⁸ De acordo com a tradução da bíblia de André Chouraqui: Deus criou a mulher como uma ajuda contra o homem.

que ele é castrado, que é um ex-combatente, que não está mais à altura de sua função simbólica.

A histórica eleva, então, o gozo ao absoluto, preferindo o saber ao gozo. Para ela o homem vale como mestre. Mesmo que seja apenas para mostrar a ele aquilo que ele não sabe. Não é que ela se recuse a ser tomada como *objeto a*, causa do desejo de um homem, mas seu verdadeiro parceiro é o saber, o pai morto (Lacan: 1968-69/1991).

Entre os quatro discursos, Lacan não distinguiu um discurso da ciência. Mas, me parece correto afirmar que o discurso da ciência tem uma afinidade de estrutura com o discurso histórico. O mestre não quer saber, ele quer que as coisas andem, funcionem. É o discurso histórico da ciência que se interroga sobre a causa. O discurso da pseudo ciência atual é cada vez menos o discurso da histórica. A universalização do acesso a universidade tende a reduzir o saber a essa mercadoria, pela qual não se paga o preço de passar por uma interrogação genuína. É o saber ready-made, que não requer de um sujeito, necessariamente, que ele percorra a via singular de acesso a um saber próprio.

As revoltas estudantis durante o mês de maio de 1968, marcam o ponto de inflexão desde o discurso histórico, próprio à ciência, ao discurso universitário. O saber (S2) em lugar de agente, faz surgir o novo mestre: o mestre light. Seu único lema: É proibido proibir! Entramos no reino da opção, do poder persuasivo, do império da lógica diet. São 30% de gordura, 30 % de açúcar, 30 % de autoridade, 30 % de mestria igualmente: não mais. Não é que se deva saber tudo, mas devemos tratar tudo pelo saber! O exercício do poder infundado da autoridade tornou-se politicamente incorreto. Hoje os indivíduos se autorizam dos movimentos sociais. Tornaram-se representantes de interesses de grupo. É o império da consciência de classe!

A nova ética do consumidor nos impõe o direito de tudo dizer, de tudo usufruir, sobretudo não ser privado de nada. O Seminário XVI, estabelecido no ano passado, traz

uma releitura do mal-estar na civilização. O imperativo de renúncia ao gozo não é o que parece. Lacan redefine a relação do sujeito ao gozo, precisando que a entrada da força de trabalho no mercado, conseqüência do capitalismo, é correlativa do surgimento de um sujeito que joga, arrisca o valor da própria vida, na expectativa de ganhar uma infinidade de vidas, infinitamente felizes. O essencial da civilização moderna não é o gozo dos prazeres da vida aos quais se renuncia e, sim, aquilo que se acredita poder recuperar sob a forma do lucro, do gozo a mais. O que pesa sobre o sujeito, contemporaneamente, não é a interdição do gozo. É a obrigação de gozar.

RETORNO AO ESTRUTURALISMO: NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL

Em resposta aos acontecimentos de maio de 1968, momento da nossa história recente em que se pretendeu combater todas as formas de autoridade, Lacan redefine em seu Seminário XVI a essência da teoria psicanalítica como um discurso sem palavras. É uma resposta forte, firme, em defesa do estruturalismo. Os representantes da autoridade podem ser destituídos mas, a autoridade da estrutura, do significante oracular, da primazia da origem, não podem sofrer o mesmo destino. Contra aqueles que combatiam o estruturalismo, e alegavam que a imprevisibilidade dos acontecimentos históricos não pode submeter-se a nenhuma determinação inabalável, Lacan contesta que não se trata de defender uma ideologia, nem de visão de mundo, mas do real. Que real? O da castração. O surgimento da lógica matemática –cuja consistência depende toda ela de um ponto indecidível, um ponto sobre o qual não podemos dizer se é verdadeiro ou

falso, vem mostrar que a ciência moderna inscreve-se sob o axioma: “não sexual”. Todo saber dito científico resulta de uma criação ex-nihilo, logo, o

¹⁹ O axioma “não há relação sexual” pode ser compreendido de um real impossível de definir como verdadeiro ou falso. Deus os criou homem e mulher, diz o Gênesis,

1
8

fundamento da razão é sempre infundado, é um artifício, um ato.

Se fosse o caso de fazer uma antropologia psicanalítica, bastaria, para refutá-la recordar algumas verdades constituintes que a psicanálise traz. Elas concernem àqueles sobre os quais o Gênesis, riou, existetambém dizocriou, quehomem “Deus o mulher.” É preciso partir do fato de que castração: a) não determine a título de fantasma a realidade do parceiro em quem ela é impossível b) sem que ela, a castração, seja uma espécie de retiro que a coloca como a verdade do parceiro a quem ela é poupada. Em um a impossibilidade da efetuação da castração é determinante de sua realidade, no outro, a pior ameaça possível da castração, é que ela não precisa ocorrer para ser verdadeira (Lacan, 1968-69/ 2006, p. 12). Ele dirá, muito tempo depois, que:

[...]uma mulher é para um homem, um *sinthoma*. [...] No nível do *sinthoma* não há, portanto, equivalência sexual, quer dizer que há relação. Com efeito se a não relação advém da equivalência, é na medida em que não há equivalência que estruture a relação. Haverá ao mesmo tempo, relação e não relação sexual. Ali onde há relação, é na medida em que *sinthoma*, quer dizer, que o outro sexo se sustenta no *sinthoma*. [Por essa razão,] um homem é para uma mulher, tudo que lhes convier, pior que um sintoma [...] Uma devastação mesmo (1975-76/ 2005, p. 101).

O estruturalismo é compatível com a psicanálise porque leva a sério a divisão do sujeito, pois supõe um saber desconhecido do sujeito, inconsciente, como causa do pensamento. Lacan (1968-69/ 2006, p.17) considera Marx um exemplo do estruturalismo *avant la lettre*. Para perceber esse fato basta que nos perguntemos: qual é o objeto do capital? Marx parte da função do mercado. Sua novidade é o lugar onde ele situa o trabalho. Que o trabalho seja comprado, que haja um mercado do

trabalho, eis o que

mas não definiu qual deve ser a relação entre eles. A ciência, por sua vez, não pode demonstrar seus axiomas, somente as consequências que deles decorrem. O real impossível de definir como verdadeiro ou

1

9

permite ao discurso de Marx demonstrar, e que ele chama de *mais valia*. Eis porque um discurso é idêntico às condições de sua produção.

A renúncia ao gozo –que define a relação de trabalho –também não é nova. O que Freud (1930-1929/ 1976)²⁰ explicita são as relações entre a renúncia ao gozo e o mal estar na civilização. Quanto mais renunciamos, mas somos impulsionados a renunciar. Lacan vai mostrar a outra face da renúncia ao gozo, *o gozo a mais* que ele formaliza por meio da função do *objeto a*. A função deste mais de gozar, que entra em jogo na relação do sujeito ao significante, é a essência do discurso analítico. Eis porque o freudmarxismo apregoava a liberação sexual como antídoto à exploração do homem pelo homem. Eis também porque, um marxismo lacaniano deveria pregar, à contrapelo, que do ponto de vista do gozo o sujeito é sempre feliz.

É fácil entender porque, o Seminário XVI de Lacan (1968/69) gira em torno de uma leitura do desafio de Pascal (p. 107-120). Lacan procura formalizar neste seminário o fato de que não há renúncia ao gozo que não se pague com um acréscimo, um mais de gozar. Sua leitura sutil da alma do homem moderno desvenda um cálculo das posições subjetivas em jogo na aposta maior da modernidade: Deus existe ou não? Em torno dessa aposta gira o consentimento à renúncia ao gozo da vida que se tem, para arriscá-lo, e talvez ganhar uma infinidade de vidas, infinitamente felizes. Logo, o fundamento da renúncia ao gozo é nada menos que a disposição que um sujeito demonstra em investir no campo das identificações em busca de uma infinidade de formas de felicidade. O sofrimento neurótico não pode ser separado de sua demanda insaciável de felicidade.

Em nosso campo não há nenhuma harmonia, nenhuma correspondência do sujeito consigo próprio, nenhuma *Selbstbewusstsein*²¹. Os novos imperativos anunciam

falso é o princípio de todo discurso válido logicamente.

²⁰ Freud, S. (1930 [1929]). Mal estar na civilização. ESB. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Ed., p. 81-

178.

²¹Freud, S. (1925[1924] 1972) Um estudo autobiográfico, Volume XX, pag. 17

2
0

formas novas de mal estar, pois alimentam a expectativa de uma felicidade, contra a evidência de que “não há relação entre os sexos”

inconsciente impõe ao sujeito a tarefa im cresce, depois deste momento, juntamente com a redução do saber ao diploma universitário.

Para concluir retorno ao ponto de partida: penso que Lacan propõe uma definição rigorosa da diferença entre a modernidade e a contemporaneidade. Com a Revolução francesa nasce o Real da psicanálise, que é o sujeito da ciência, sujeito sem qualidades. Com os movimento de maio de 1968, o saber se torna uma mercadoria que se compra e que se vende. O saber entrou no mercado e, desde então, circula desvencilhado do real, isto é, do peso da autoridade daquele que o transmite. Podemos falar de uma separação entre a veiculação do saber, e o poder do mestre vivo. Uma nova configuração das relações entre saber e poder, entretanto, se anuncia. O saber desencarnado se propaga graças a uma nova aliança com o poder. Trata-se do poder anônimo, acéfalo da pulsão. Todo um oceano de falsa ciência prospera aí, sobretudo, na universidade.

EMPRESTANDO CONSEQUÊNCIAS

Toda essa reflexão deve convergir para uma ação. Sob essa nova configuração das relações entre saber e poder, nós nos arriscamos ao introduzir a psicanálise na Universidade Federal do Rio de Janeiro, criando o primeiro programa de pós-graduação em teoria psicanalítica, a sucumbir ao império dos semblantes, esvaziado do real da clínica psicanalítica. Assumimos o risco de ensinar, mas sem transmitir. Assumimos o risco de alimentar o gozo acéfalo do saber desvencilhado da castração.

É fundamental que possamos, agora, desenvolver dispositivos nos programas de

2
1

pós-graduação em psicanálise, para assegurar que a pesquisa tenha como eixo a experiência clínica e, sobretudo, não se dissocie da formação do psicanalista. Se o mais essencial da teoria psicanalítica é que ela é um discurso sem palavras, não se pode transmiti-la como uma filosofia, um sistema de pensamento, uma *Weltanschauung*

Referências

Abelhauser, A.(2006). Cette phrase contient quatre erreurs. *L'anti livre noir d psychanalyse*. Majoub (org), L et Alberti. L. Paris: Seuil.

Coelho dos Santos, T. (2001). *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil.

Coelho dos Santos, T. et al.(2005). Um tipo excepcional de caráter. *Psychê: Revista de Psicanálise*. 11 (16), 77-96.

Coelho dos Santos, T. (2005d). A prática lacaniana na civilização sem bússola. In: Coelho dos Santos, T. (org.) *Efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada*. Rio e Janeiro: Contracapa, p. 61-92.

Dument, L.(1983) *Essais sur l'individualis l'ideologie moderne*, Paris, Seuil

Freud, S. (1925 [1924] 1972) *Um estudo autobiográfico*, Volume XX, pag. 17

Freud, S. (1933). *A questão de uma Weltanshünngen da psicanálise*. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Volume XXII, p. ?, 1972). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. [1930 (1929)]. *Mal estar na civilização*. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Volume XXI, p.?, 1976). Rio de Janeiro: Imago.

Foucault, M. (1977). *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

Foucault, M. (1985). *História da Sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

Lacan, J. (1938/2001) Les complexes familiaux dans La formation de l'Autres Écrits (PP.22-84), Paris, Seuil

Lacan, J. (1953). Fonction et champ de la parole et du langage. *Écrits*. Paris : Ed. Seuil, 1966a

Lacan, J.(1965/66). La science et la vérité. *Écrits*. Paris : Ed. Seuil.

Lacan, J.(1968/69). *Le Seminaire Livre XVI : D'un Autre*.Paris: Ed. Seuil, l'autre 2006.

Lacan, J.(1969/70). *Le Seminaire Livre XVII : L'envers de la psychanalyse*.Paris: Ed. Seuil, 1991.

Lacan, J. (1974/75) *RSI, inédito*

Lacan, J. (1975/76). *Le Seminaire Livre XXIII : Le Sinthome*. Paris: Ed. Seuil, 2005

Lyotard, J.-F. *A condição pós-moderna*, Coleção Trajectos, Lisboa, Ed. Gradiva, 1989

Miller, J. A. (1997/98). La politique lacanienne. *École de la cause freudienne*, EURL, Huysmans, Paris.

Miller, J. A.(2003). *Le neveu de Lacan*. Paris: Verdier.

Miller, J. A. (2006). Pièces Détachées. *La Cause Freudienne*. Paris: Navarin Eds., (62), fev. 2006.

Miller, J. A. (2005). Uma fantasia. In: *Opção Lacaniana: Revista internacional de psicanálise*,(42), 7-18.

2
3

Miller, J. A. A era do homem sem qualidades. *In: aSEPHallus*: Revista do Nucleo

Sephora de Pesquisa, www.nucleosephora.com/asephallus

